



Literatura e História na Educação Medieval Literature and History in the Medieval Education

Ana Aparecida Arguelho de SOUZA¹

Recebido no dia 12-05-2011

Resumo: Trata este artigo de uma análise da literatura medieval como linguagens que, expressando um período da história, são extremamente reveladoras da vida e da educação dos homens, em uma sociedade marcada pelo sinete da Igreja Católica. É por todas as formas e modalidades de linguagem que apreendemos o longo caminhar da Humanidade na construção da História. Neste caso, trataremos de textos da literatura medieval oriundos de diversos extratos da sociedade feudal como expressões das possibilidades pedagógicas de formação do homem nessa sociedade.

Abstract: The current article presents an analysis of medieval literature, as languages that express a period in the history and thus reveal real life and education in a society characterized by the Catholic church seal. Through all forms and modalities of language that we learnt the long development of humanity in the history construction and in this case, we will deal with texts of medieval literature from several extracts of feudal society as expressions of pedagogical possibilities of human development in such a society.

Palavras-chave: Literatura – História – Educação – Linguagens – Sociedade.

Keywords: Literature – History – Education – Languages – Society.

I. Introdução

O tema aqui discutido é objeto de pesquisa realizada no interior da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, registrada na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. A pesquisa desenvolve-se por demanda de conteúdos ministrados nas disciplinas Itinerários Culturais e Educação e

¹ Professora da UEMS. Doutora em Literatura pela UNESP/Assis-SP. *E-mail:* anaarguelho@yahoo.com.br

Sociedade, no curso de Pedagogia da unidade de Campo Grande/UEMS. A metodologia fundamental do curso é a leitura dos clássicos, como possibilidade de compreender a natureza histórica do homem, suas ações e sua educação. Essa metodologia demandou de nossa parte uma intensa busca sobre textos clássicos da literatura antiga, medieval e moderna que revelassem, em seu conteúdo, componentes pedagógicos capazes de provocar um salto qualitativo na ação docente.

Nesse sentido, temos realizado levantamentos e sistematizado fontes que revelam como e por quais instrumentos se processou a formação dos homens ao longo da história e como a literatura foi imprescindível nesse processo. Este artigo constitui um esforço de indicar e analisar historicamente, parte dessa literatura que, ao longo da Idade Média, contribuiu para a formação do homem medieval e permitiu aos modernos a recuperação de uma história da educação assentada em textos clássicos.

Delineamos a guisa de introdução um rápido painel do que foi a Idade Média como o período compreendido entre, mais ou menos, a segunda metade do século V até a primeira metade do século XV. Tal designação trazida pela historiografia indica a civilização que se ergueu na Europa sob o comando dos teólogos e de uma nobreza nascida da miscigenação entre o ocidente e o oriente, no processo que assinalou o declínio do Império Romano, marcado pelas invasões de povos que ainda não haviam entrado no processo civilizatório, por isso denominados bárbaros.

A desagregação da escravidão foi sucedida pela afirmação de uma nova forma do trabalho, a servidão. Do ponto de vista da base material, o modo de produção feudal caracterizou-se por uma economia essencialmente agrária, assentada no trabalho do servo, que retirava da terra seu sustento e o do senhor feudal. Este constitui o elemento fundamental da nobreza por deter a posse das terras e dos instrumentos essenciais à produção. Em torno da propriedade da terra e dos privilégios que ela encerrava formou-se a classe dos senhores feudais. Da mesma forma que na sociedade escravista, a classe proprietária feudal contava com a guerra para engrossar o pecúlio proporcionado pela exploração do trabalho servil.

A arquitetura social desse período é, pois, constituída pelos servos, pelo clero e pela nobreza, essas duas últimas classes exercendo um domínio hegemônico sobre a Europa cristã, visto que é do interior da nobreza que saem os dirigentes da Igreja Católica e, também, uma das instituições mais expressivas do período, que é a Cavalaria, da qual as Cruzadas são a melhor expressão.

Tratam de empreendimentos coletivos de caráter econômico e político, que vão sofrendo um processo de cristianização.

No feudalismo, o conhecimento e a própria divisão do trabalho são fundados na vontade divina, de sorte que, revoltar-se contra a ordem estabelecida é se colocar diretamente contra Deus. É o primado da Fé sobre a Razão, sustentado pela concepção geocêntrica de universo e justificado pelas verdades bíblicas, que colocam Deus na origem de todas as coisas e o homem, seu semelhante, no centro do Universo. A população medieval partilhava de um laço comum e transcendente: a fé cristã. A Europa medieval acabou se tornando uma federação quase ideal sob a suserania do Papa de Roma. O oponente constante traduzia-se nas forças de outra poderosa fé, o Islã. Durante séculos, a lei de Maomé controlou a Espanha, por exemplo, só devolvendo a península à reconquista cristã pelo fim da Idade Média.

No próprio interior da sociedade feudal começa surgir a negação do modo feudal de produzir a vida, o aparecimento dos burgos, pequenas cidades nas quais se desenvolve o comércio, em decorrência da produção de excedentes possibilitada por certo grau de desenvolvimento tecnológico, ainda que incipiente, e a conseqüente ampliação da produção agrícola. A essas inovações técnicas, que tornou possível a produção de excedentes destinados a trocas comerciais, soma-se o crescimento demográfico, que acarretou o aumento numérico da força de trabalho. Tais fatores combinados permitiram a liberação de parte da população para ocupar-se com atividades econômicas não vinculadas diretamente a terra como o artesanato, cuja produção mercantil (para fins de troca) constitui forte elemento de desagregação das formas feudais de produção e começa a dar a forma do novo modo de produção, o capitalismo.

II. A educação do homem medieval

Os produtos culturais dos tempos medievais, especialmente sua literatura são extremamente reveladores da sua formação social e de sua educação. Sendo o universo medieval composto por estratos distintos, nada mais natural que distintas modalidades de educação se delineassem no interior desse tipo de sociedade. Assim, vamos encontrar elementos próprios da educação de cada um dos estratos que compõem o painel da sociedade medieval, entrevistados nos seus mais significativos textos. Todos esses elementos giram em torno de um centro irradiador dos valores e comportamentos do homem feudal: esse centro é Deus, tal como a Igreja Católica Feudal como força soberana o concebeu e delineou, ao longo dos séculos em que ela dominou a Europa

nascente, após a derrocada do Império Romano do Ocidente. Diferentemente do que ocorreu no Mundo Antigo, que cultuava vários deuses, na Idade Média, um único deus foi considerado o princípio e o fim de todas as coisas. O homem foi concebido à sua imagem e semelhança e todo o seu comportamento deveria conduzi-lo a uma só finalidade: a de amar e servir a Deus em vida para desfrutar da sua glória, no Paraíso, após a morte. A desobediência às leis divinas o faria purgar no Inferno para toda a eternidade. Essas leis foram todas definidas pela Igreja Católica, com base nas tradições judaica e grega, adaptadas às necessidades de domínio da Igreja sobre a sociedade como um todo. De modo que, observa-se em todos os textos medievais, qualquer que seja a facção da sociedade que o tenha produzido, eles estarão sempre contagiados por esse ideário religioso.

III. A literatura reveladora da preceptoría

Em relação à educação da nobreza, parte significativa dela era realizada por meio de preceptoría. Os preceptores eram sábios de grande prestígio, contratados para irem ao palácio e ministrarem aulas individuais às crianças e jovens da nobreza. Uma importante noção de educação desse estrato social, que constitui mesmo o seu fundamento e que confirma as afirmações anteriores, nos chega através do *Diálogo entre Pepino e Alcuíno*.² Trata-se de uma aula na qual Alcuíno, mestre de grande prestígio e preceptor de Pepino, filho de Carlos Magno, trava com este um diálogo acerca de inúmeros temas, por onde se pode vislumbrar, nitidamente, a concepção de homem e de mundo da Idade Média. Perguntado pelo aluno sobre o que é o corpo, o mestre responde que é a morada da alma; a vida é a expectativa da morte e o homem é servo da morte. Isso porque a verdadeira vida dos homens ele a viverá no céu.

Entretanto, Aníbal Ponce, historiador da educação que trabalha na perspectiva de apontar as contradições entre as classes antagônicas que compõe a Idade Média, isto é, nobreza e servidão, vê essa questão de outro modo: “Enquanto o servo sofria sob seu senhor, o cristianismo proclamava que eles eram iguais diante de Deus. Descoberta maravilhosa que respeitava o *status quo* terreno, enquanto não chegava o dia de alterá-lo, mas no céu”.³

² LAUAND, Luiz Jean. (org. e trad.) *Educação, teatro e matemática medievais*. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 79-88.

³ PONCE, Aníbal. *Educação e luta de classes*. São Paulo: Cortez, 1985, p. 87.

Outro texto que elucidava como deveria ser o comportamento do nobre, na infância, é o *Manual para o meu filho*⁴, escrito por Dhuoda, mãe de Guilherme e esposa de Bernardo, duque de Septimânia, entre os anos 841 e 843. Pelo Estudo Introdutório do seu tradutor, sabe-se que é o mais antigo tratado francês sobre educação. Os manuais eram considerados espelhos, gênero literário que traça o retrato de um ideal moral: “Encontrarás, filho, neste livro um espelho em que poderás contemplar a saúde de tua alma”. A autora é mulher e leiga e o manual não se reduz apenas a um tratado de moral ou espiritualidade, mas vai além, visando à formação de um *gentleman*. Como é de se esperar, todas as lições estão voltadas para Deus.

Sobre o conteúdo do manual, Dhuoda fala do amor e da busca de Deus, da sua grandeza e sublimidade, do mistério da Trindade e das virtudes teológicas, dando ênfase à caridade. Aponta deveres, vícios, virtudes e tribulações que ameaçam o homem e de como estas não devem impedi-lo de dar glória a Deus. Ensina o caminho para se atingir a perfeição e aponta o duplo nascimento (carnal e espiritual) e a dupla morte (temporal e terrena) que atestam a natureza humano-divina do homem. Nesse sentido, a tradição grego-latina do herói, meio homem e meio deus, que é produto de sua filiação aos deuses, é substituída pela filiação do homem a um só deus. O trecho a seguir, extraído do livro de Dhuoda, é ilustrativo da concepção de moralidade e virtudes do homem medieval. Diz respeito ao capítulo VI do livro e retrata o Salmo 14, recolhido pela autora para ilustrar ao filho a perfeição humana, cuja transcrição se segue:

Eu te mostro como tu podes ser esse homem perfeito com a ajuda de Deus.

A resposta é: Tal homem é aquele que: anda sem mancha; pratica a justiça; fala a verdade; em cuja língua não há dolo nem engano; não faz mal ao próximo; não jura para o enganar; não empresta dinheiro com usura; não recebe presente para condenar um inocente; suporta com paciência as injustiças que lhe são feitas; mantém suas mãos inocentes.⁵

Por esses preceitos, podem-se vislumbrar, igualmente, as virtudes desejadas para a nobreza feudal, temente a Deus, cujos princípios alicerçam a sua educação.

IV. A literatura reveladora da educação do cavaleiro

⁴ LAUAND, Luiz Jean. (trad.) *Manual para o meu filho*. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 127-136.

⁵ *Ibid.*, p. 132.

Outra expressiva literatura que serve de fonte para compreendemos a educação dos medievos diz respeito aos textos que tratam da Cavalaria, escritos pelos próprios cavaleiros, como é o caso de Raimundo Lúlio, proprietário de terras e próximo à nobreza. Ele define a cavalaria, cujo ofício é “manter e defender a santa fé católica”⁶ e explica, no *Livro de Ordem de Cavalaria*, escrito entre 1279-1283, o ritual de iniciação ao qual os filhos da nobreza eram submetidos, como condição de pertença à condição de cavaleiro. O livro compõe-se de prólogo e sete capítulos que tratam da instituição cavalaria, desde sua origem, em que o cavaleiro surge como um enviado de Deus para colocar ordem no mundo; o cavalo teria sido escolhido para servir ao homem por ser o mais veloz e o que suporta maior carga de trabalho; e as armas escolhidas seriam as mais nobres e mais convenientes para o combate e para defender o homem das feridas e da morte. Do ofício do cavaleiro, o texto ensina:

Tanto é nobre coisa o ofício de cavaleiro que cada cavaleiro deveria ser senhor e regedor de terra; mas, para os cavaleiros, que são muitos, não bastam as terras. E, para significar que um só Deus é senhor de todas as coisas, o imperador deve ser cavaleiro e senhor de todos os cavaleiros; mas, porque o imperador não poderia por si manter e reger todos os cavaleiros, convém que tenha abaixo de si reis que sejam cavaleiros, para que o ajudem a manter a ordem de cavalaria. E os reis devem haver abaixo de si condes...⁷

Do texto deduz-se a importância dessa Ordem para a Idade Média, pois cavaleiro era, ao mesmo tempo, o imperador, que tinha sob seu comando reis cavaleiros e outros graus de nobreza e cavalaria, até o último grau que era o cavaleiro de um só escudo, ou seja, aquele menos possuidor de bens, mas ainda assim, nobre. Ser nobre era a condição para pertencer à Cavalaria. O filho de um camponês, se armado cavaleiro, seria desonroso para a Ordem.

Cada cavaleiro possuía seu escudeiro que, em momento oportuno, passava por um exame para ser considerado apto ou não ao ofício de cavaleiro. O exame constava de exigências para pertencer à ordem, que se iniciava pelo temor a Deus, honra, coragem. Outra exigência dizia respeito à idade para se fazer cavaleiro. O ideal é que o escudeiro fosse jovem porque, se criança, corria-se o risco de esquecer os ensinamentos; se idoso seria fraco, o corpo débil e, portanto, impróprio para as grandes batalhas.

⁶ RAMON LLULL *O Livro da Ordem de Cavalaria* (apres. e trad. de Ricardo da Costa). São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2010, p. 23. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/textos/livrocav.htm>

⁷ *Ibid.*, p. 25-26.

Em função da instituição cavaleiresca, a educação do corpo é muito valorizada. Segundo o professor Janio Costa⁸, uma vez admitido como escudeiro de um senhor, o jovem aristocrata passava por sucessivas iniciações até ser armado cavaleiro. A arte da cavalaria continha basicamente tudo o que a nobreza considerava necessário aprender para o bom exercício de suas atividades. A força física, a habilidade com o arco e com a flecha, a boa empunhadura da espada e do escudo e a precisão na condução do cavalo, desde o modo correto de montá-lo, esporeá-lo, até a composição da armadura, foram algumas das qualidades requeridas pela cavalaria e, como tais, compuseram a cultura corporal do homem feudal.

Complementava a formação do cavaleiro o aprendizado do xadrez e da poesia, como formas de adorno. Distantes do apelo estético característico da cultura pagã antiga, os senhores feudais exercitarão o corpo apenas e na medida da habilitação exigida pelo bom combate. Coerentes com a doutrina cristã condenarão a exposição demasiada do corpo, bem como a exercitação pela exercitação. É ilustrativo dessa educação corporal que incide sobre os cuidados físicos, obrigações e tarefas práticas do cavaleiro, o seguinte excerto:

A ciência e a escola da Ordem da Cavalaria é que cavaleiro faça que se ensine cavalgar seu filho já em sua juventude; pois, se o infante em sua juventude não aprender a cavalgar não poderá aprender em sua velhice. E ao filho do cavaleiro convém que enquanto é escudeiro, saiba cuidar do cavalo. E ao filho de cavaleiro convém que antes seja súdito que senhor, e que saiba servir ao senhor, pois de outra maneira não conheceria a nobreza de seu senhorio quando fosse cavaleiro. E por isso o cavaleiro deve submeter seu filho a outro cavaleiro para que aprenda a cortar⁹ e a se guarnecer¹⁰ e as outras coisas que pertencem à honra da cavalaria.¹¹

Todavia, dada a distinção dessa classe social de que se origina a instituição cavaleiresca, é imprescindível, além da educação do corpo, a da mente, como ilustra esta passagem, também, do *Livro da Ordem de Cavalaria*:

Assim como os juristas e os médicos e os clérigos ouvem nas ciências e livros a lição e aprendem seu ofício por doutrina de letras, é tão honrada e alta a Ordem de Cavalaria que não tão somente basta que ao escudeiro seja ensinada a Ordem de Cavalaria para cuidar do cavalo, nem para servir senhor, nem para

⁸ COSTA, Jânio. “A educação do corpo”. In: SOUZA, Ana A. Arguelho de (org.). *Referencial Curricular para o Ensino Médio de Mato Grosso do Sul* – SED/MS. Campo Grande – MS, 2004. p. 131.

⁹ No sentido de esgrimir (nota do trad.).

¹⁰ No sentido de ser aparelhado, dotado de guarnição (nota do trad.).

¹¹ RAMON LLULL. *Ibid*, p. 19.

ir com ele aos feitos de armas nem para outras coisas semelhantes a estas; como ainda seria coisa conveniente que o homem da Ordem de Cavalaria fizesse escola, e que houvesse ciência da Cavalaria escrita em livros e que fosse arte ensinada, assim como são ensinadas as outras ciências; e que os infantes filhos dos cavaleiros, em seus princípios, que aprendessem a ciência que pertence à Cavalaria, e só depois fossem escudeiros e andassem pelas terras com os cavaleiros.¹²

Ramon Llull escreveu também a *Doutrina pueril* por volta de 1274, e dedicou-a a seu filho.¹³ Trata-se de um testemunho pedagógico de inestimável valor. Através dele podemos ter uma noção de como as crianças eram educadas antes de serem encaminhadas na vida, no caso, para a cavalaria ou para o monacato. O livro compõe-se de um Prólogo e treze capítulos, ao longo dos quais todos os ensinamentos giram em torno de Deus e dos preceitos da igreja católica. A seguir, um extrato da obra elucidativo do seu caráter pedagógico:

Deus deseja que trabalhem e pensemos em servi-Lo, pois a vida é breve e a morte se aproxima de nós todos os dias. Por isso a perda de tempo deve ser muito odiosa. Logo, no princípio o homem deve mostrar a seu filho as coisas que são gerais no mundo para que ele saiba descer até as especiais, e que o homem faça seu filho soletrar, em língua vulgar, o princípio que aprendeu, de tal modo que ele entenda o que soletrou. E depois convém que lhe seja ensinada a construção gramatical naquele mesmo livro, que deve ser trasladado depois para o latim porque ele não entenderia o latim antes. [...] No princípio convém que o homem faça seu filho aprender os 14 artigos da Santa fé católica, os 10 mandamentos que Nosso Senhor Deus deu a Moisés no deserto, os 7 sacramentos da Igreja e os outros capítulos seguintes. [...] É conveniente que o homem mostre a seu filho a forma de cogitar a glória do Paraíso e as penas infernais e os capítulos que estão contidos neste livro, pois através de tais cogitações, a criança se acostumará a amar e temer a Deus, conforme os bons ensinamentos.¹⁴

¹² *Ibid*, p. 21.

¹³ Para o tema, ver COSTA, Ricardo da. “Reordenando o conhecimento: a Educação na Idade Média e o conceito de *Ciência* expresso na obra *Doutrina para Crianças* (c. 1274-1276) de Ramon Llull”. In: OLIVEIRA, Terezinha (coord.). *Anais Completos da II Jornada de Estudos Antigos e Medievais: Transformação Social e Educação*. Universidade Estadual de Maringá, 2002, p. 17-28. Internet, <http://www.ricardocosta.com/pub/reordenando.htm>; COSTA, Ricardo da. “A Morte e as Representações do Além na Idade Média: *Inferno e Paraíso* na *Doutrina para crianças* (c. 1275) de Ramon Llull”. In: SANTOS, Franklin Santana (org.). *A Arte de Morrer - Visões Plurais - Volume 3*. Bragança Paulista, SP: Editora Comenius, 2010, p. 118-134. Internet, <http://www.ricardocosta.com/pub/morte.htm>.

¹⁴ RAMON LLULL. *Doutrina para crianças* (c. 1274-1276). Alicante, Espanha: Marfil/IVITRA, 2009 (Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III). Internet, <http://www.ivittra.ua.es/RicardoCosta/Llull2.pdf>.

Significativas manifestações culturais que também devem ser consideradas na compreensão da educação do cavaleiro são as *Novelas de Cavalaria*, relatos oriundos das canções de gesta, isto é, narrativas anônimas, de tradição oral, que contavam aventuras de guerra vividas nos séculos VIII e IX, durante o Império Carolíngio e que, posteriormente foram transcritas para a prosa. Dentro de um espírito místico e simbólico, próprio da época, as Novelas de Cavalaria exprimem as virtudes e valores dos cavaleiros, seus compromissos sociais, a concepção de mulher própria da época e a forma do amor cortês.

Do ponto de vista educativo, ilustram esse espírito e virtudes, especialmente, as novelas que compõem o ciclo arturiano. Tratam da corte do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda, verdadeiros códigos de conduta medieval e cavalheiresca. Segundo as tradições célticas da Idade Média, Artur, o personagem lendário e rei de Gales, instituiu no século V, seguindo os conselhos do feiticeiro Merlin, uma ordem de cavalaria chamada de *Távola Redonda*, porque seus cavaleiros se reuniam em volta de uma tábola (mesa) redonda, para tomar decisões políticas.

Os feitos desses cavaleiros estão contados em cinco novelas, das quais faz parte a *Demanda do Santo Graal*, de cunho místico e simbólico, oriunda de lenda de remotas origens celtas, que gira em torno da procura, pelos cavaleiros da tábola redonda, do santo graal (cálice sagrado), símbolo da consagração de uma vida inteira dedicada ao culto de virtudes morais, espirituais e físicas.

Novela de alto rigor narrativo e de elevada intenção, acabou por ser o retrato definido da Idade Média mística, e o maior monumento literário que a época nos legou no campo da ficção, porquanto traduz um soberbo ideal de vida, expresso de forma artisticamente superior, a ponto de alcançar um grau de aperfeiçoamento estético não muito freqüente na prosa do tempo.¹⁵

A *Demanda* representa a reação da Igreja Católica contra o desvirtuamento da Cavalaria, pois que, com o passar do tempo, muitos cavaleiros vão se degradando e se transformando em bandoleiros armados e sem nenhuma ocupação. Segundo Moisés, isso tenta ser corrigido no Concílio de Clermont, em 1095, por meio da organização da primeira Cruzada, que corresponde à formação da cavalaria genuinamente cristã. Diz o autor que a novela, no interior desse movimento renovador do espírito cavalheiresco, coloca a cavalaria, não mais a serviço do senhor feudal, mas da salvação sobrenatural do cavaleiro; e que uma brisa de teologismo varre-a de ponta a ponta.

¹⁵ MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo, Cultrix, 1966, p. 38.

V. O texto teatral como instrumento pedagógico

Em relação ao teatro da Idade Média, o professor Julio Feliz¹⁶ mostra que o espaço cênico é o da Igreja e os temas contemplam motivos religiosos. As encenações têm caráter pedagógico, no sentido que ensinam normas morais e informam sobre a doutrina bíblica. Em Portugal e Espanha os dramas religiosos eram denominados de *autos*, e tinham a tarefa de oferecer diversão ao povo, mas principalmente, ensinar os preceitos da religião, falando da vida de Cristo e dos santos. Gil Vicente, dramaturgo português é autor de vários autos de fé.

Um exemplo bem visível, tanto da oratória a serviço da pedagogia, como da recorrência da Igreja à filosofia grega, é o teatro da monja Rosvita de Gandersheim, beneditina do século X. Trata-se da peça teatral, *Sabedoria*, extremamente educativa, pois discute as virtudes teológicas da fé, esperança e caridade, simbolizadas na figura de três jovens. Esse tipo de drama sagrado teve sua origem nos conventos beneditinos e os atores eram os próprios padres e clérigos, como atesta a peça de Rosvita.

Um misto de superstições e crenças ingênuas, extremamente reveladoras do “mundo diferente e inesperado” da Idade Média, a peça é, no entanto, desconhecida do público. O tradutor, Jean Lauand, inclusive, no Estudo Introdutório, atribui esse desconhecimento mais ao preconceito da academia com a Idade Média, do que à inacessibilidade do latim ou à ingenuidade do enredo. Afirma o tradutor, que a peça é de extrema importância para a história do teatro, pois “trata-se de nada menos do que o restabelecimento da composição teatral no Ocidente”.¹⁷

O precioso estudo introdutório de Lauand revela importantes elementos para a compreensão de como se processou a educação medieval. Primeiramente, a confirmação de como a Igreja adaptou a cultura dos antigos aos seus próprios interesses. Rosvita afirma que não se furtará a compor um teatro novo baseado em Terêncio, mas assentando em valores da igreja. Também, na composição das personagens, é nítida a articulação da cultura medieval cristã com a filosofia grega. A personagem principal é Sabedoria, uma nítida referência à *sophia* (sabedoria) dos gregos. As três filhas de Sabedoria são respectivamente, a Fé, a Esperança e a Caridade, ou seja, as três virtudes

¹⁶ FELIZ, Julio. “Teatro e Música”. In: SOUZA, Ana A. Arguelho de (org.). *Referencial Curricular para o Ensino Médio de Mato Grosso do Sul* – SED/MS. Campo Grande – MS, 2004, p. 125.

¹⁷ LAUAND, Luiz Jean, *Ibid.*

teologais, clara demonstração da filiação da Igreja à filosofia grega. Todavia, Rosvita não pretende seguir a tradição profana senão recompô-la numa perspectiva cristã, adaptando o teatro a uma pedagogia ilustrativa da história dos mártires do cristianismo. Eis aqui um excerto demonstrativo do teor da peça (com as personagens, Antíoco, acusador das mulheres; o imperador Adriano e Sabedoria):

Cena II

AANT.: Como te chamas, ó estrangeira!

SAB.: Sabedoria.

ANT.: O Imperador Adriano ordena que compareças ao palácio em sua presença.

SAB.: Não tenho receio de, na nobre companhia de minhas filhas, ir ao palácio e não tremo ante a ameaça de defrontar-me cara a cara com o Imperador.

ANT.: A odiosa raça dos cristãos está sempre pronta a resistir às autoridades.

SAB.: Aquele que governa todas as coisas, Aquele que não conhece derrota não permite que os seus sejam vencidos pelo inimigo.

[...]

ADR.: Ilustre matrona, com bons modos convido-te a dar culto aos deuses, para que possas gozar de nosso favor.

SAB.: Não pretendo de modo algum prestar culto a teus deuses, nem morro de vontade de ganhar o teu favor.

[...]

ADR.: Pareces ser de alta estirpe, mas quero saber com mais exatidão tua pátria, tua família e teu nome.

SAB.: Embora a altivez do sangue seja entre nós de pouca importância, no entanto, não nego ter uma origem ilustre.

ADR.: O que não me surpreende.

SAB.: Pois, de fato, foram meus pais os mais eminentes gregos e meu nome é Sabedoria.¹⁸

A peça prossegue com o martírio até a morte das três jovens, que não se rendem ao culto do imperador romano, e com o desejo de Sabedoria de ver-se livre do seu próprio corpo para ir ao encontro das filhas na glória do céu, que recebe a todos os que morrem por não negar a Cristo. Do ponto de vista da pedagogia, o texto é uma metáfora singela da luta travada pelos primeiros cristãos para fazer valer a doutrina de Cristo e, nesse sentido, e a grande lição que a peça de Rosvita nos dá é que ela permite perceber que toda nova civilização não se impõe, senão pela luta, que tem nesses casos alto teor pedagógico.

¹⁸ *Ibid*, p. 47-49.

VI. A pedagogia das cantigas trovadorescas

As cantigas trovadorescas constituem importante testemunho histórico da vida dos medievais, representativas do povo, de sua forma de conceber a vida, o amor e seus vícios. Nesse sentido, algumas carregavam em si uma pedagogia, na medida em que reproduziam e sedimentavam valores e comportamentos da sociedade medieval. Trata-se de canções singelas cantadas com acompanhamento de instrumentos (alaúde, flauta, viola, gaita etc.). Quem escrevia e cantava essas poesias musicadas eram os jograis e os trovadores. Mais tarde, as cantigas foram compiladas em Cancioneiros. Os mais importantes Cancioneiros portugueses dessa época são o da Ajuda, o da Biblioteca Nacional e o da Vaticana.

Sobre a natureza dessas Cantigas, elas são expressões coletivas que vieram atravessando gerações até constituir valioso patrimônio que, por sua forma e seus temas, atestam a singularidade e o encanto do período medieval. Em Portugal, o marco inicial do chamado trovadorismo data da primeira cantiga feita por Paio Soares Taveirós, provavelmente em 1198, intitulada Cantiga da Ribeirinha.

As cantigas eram cantadas no idioma galego-português e dividem-se em dois tipos: líricas (de amor e de amigo) e satíricas (de escárnio e mal-dizer). As do primeiro grupo eram cantadas no Paço e nas praças. As do segundo grupo, utilizadas nas ruas e prostíbulos, por soldados e gente de muito baixo calão.

As *Cantigas de amor* tiveram origem em Provença, região da França, e foram veiculadas nos eventos religiosos e nos contatos entre as cortes. Tratam, geralmente, de um relacionamento amoroso, em que o trovador canta seu amor a uma dama, normalmente de posição social superior, inatingível. Refletindo a relação social de servidão, o trovador roga a dama que aceite sua dedicação e submissão.

As *Cantigas de amigo* eram escritas do ponto de vista feminino. Quem falava era a mulher e não o homem. O trovador procurava mostrar o outro lado do relacionamento amoroso – o sofrimento da mulher à espera do namorado (chamado “amigo”), a dor do amor não correspondido, as saudades, os ciúmes, as confissões da mulher a suas amigas, etc. Os elementos da natureza estão sempre presentes, além de pessoas do ambiente familiar, evidenciando o caráter popular da cantiga de amigo.

Nas *Cantigas satíricas*, os trovadores preocupavam-se em denunciar os falsos valores morais vigentes, atingindo todas as classes sociais: senhores feudais, clérigos, povo e até eles próprios. Geralmente, tratavam de personalidades da época, numa linguagem popular e muitas vezes obscena. Nas *Cantigas de escárnio*, a crítica era indireta e irônica; e nas *Cantigas de maldizer* a crítica era direta e mais grosseira. Muito da alma do povo se apreende nessas cantigas.

VII. As hagiografias como modelos de virtude

A vida dos santos, na Idade Média ensejou outro tipo de literatura conhecida como *hagiografia*. Ensina Frazão¹⁹ que o termo hagiografia é utilizado, desde o século XVII, momento em que se iniciou o estudo sistemático e crítico sobre os santos, sua história e culto, para designar esse novo ramo do conhecimento como o conjunto de textos que tratam de santos com objetivos religiosos.

São considerados textos de natureza hagiográfica os martirologios, necrológios, legendários, revelações (visões, sonhos, aparições, escritos inspirados, etc.); paixões, vidas, calendários, tratados de milagres, processos de canonização, relatos de trasladação e elevações, já que possuem como temática central a biografia, os feitos ou qualquer elemento relacionado ao culto de um indivíduo considerado santo, seja um mártir, uma virgem, um abade, um monge, um pregador, um rei, um bispo ou até um pecador arrependido.

A literatura hagiográfica cristã iniciou-se ainda na Igreja Primitiva quando, a partir de documentos oficiais romanos ou do relato de testemunhas oculares, eram registrados os suplícios dos mártires. Porém, a hagiografia desenvolveu-se e consolidou-se na Idade Média, com a expansão do cristianismo e a difusão do culto aos santos. Durante o Medievo, ainda segundo Frazão, foi produzida uma grande quantidade de hagiografias, que possuíam caráter privado, sendo redigidas principalmente pelos eclesiásticos.

Do ponto de vista da educação, as hagiografias difundiam as ações dos santos enquanto eles ainda estavam na terra, como exemplos de vida virtuosa. Isso acarretava para os mosteiros que os tinham como patrono, ofertas e doações, diz Frazão. As hagiografias eram utilizadas tanto para uso litúrgico como para leitura privada; ou como textos de escola com o fito de instruir e edificar os cristãos na fé e divulgar os ensinamentos oficiais da Igreja. Desta forma, tais

¹⁹ Todas as informações aqui contidas sobre hagiografia são da Prof^a Dr^a Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. *Internet*, <http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hagiografia.htm>

textos eram importantes veículos para a propagação de concepções teológicas, modelos de comportamento, padrões morais e valores.

VIII. A literatura e a educação monástica

Não obstante a cavalaria ser uma instituição das mais expressivas da Idade Média, é a Igreja a instituição que nesse período deteve o poder político e o monopólio de toda a cultura ocidental. Nada mais natural, então, que as primeiras escolas medievais se desenvolvessem nessas instituições. Desaparecidas as escolas pagãs, a Igreja se apressou em tomar em suas mãos a instrução pública.

As escolas monásticas e os mosteiros católicos cumpriram uma importante função civilizatória no interior da sociedade medieval. Segundo Janio Costa “foram os mosteiros que, uma vez reunidos e organizados de modo centralizado, deram origem às ordens e congregações católicas”.²⁰ Expressiva igualmente da dura vida monacal e que nos dá a medida da austeridade que norteava a vida e a educação do clero nessas instituições são as Regras Monásticas²¹, conjunto de normas que conferia direção e sentido à vida religiosa. Ao reger o comportamento de seus membros, por meio de um código que era menos a prescrição da conduta correta do que daquela que deve ser evitada, as regras dos monges se propunham a refinar as atitudes civis do homem feudal:

Os mosteiros garantem a transmissão da cultura, a educação dos jovens que lhes são confiados (*oblato*) e garantem também a passagem para além daqueles que farão profissão tardia (*professio ad sacurendum*). Outros, plantados na solidão das florestas ou pântanos, traçarão estradas, guiarão os viajantes, semearão, arrotearão terrenos, extrairão o sal do mar e a riqueza de toda a criação, de toda a criatura.²²

Nessas escolas, a gramática, a retórica e a dialética eram as colunas mestras do ensino, com conteúdos voltados à aprendizagem de discursos e réplicas, além da redação de cartas, documentos e escritos de caráter mercantil. Todavia, prestado o exame de gramática, geralmente, os alunos abandonavam a escola para continuar a educação cavaleiresca, pois esta era, de longe, o que empolgava os jovens.

²⁰ COSTA, Jânio. “A educação do corpo”. In: SOUZA, Ana A. Arguelho de (org.). *Referencial Curricular para o Ensino Médio de Mato Grosso do Sul* – SED/MS. Campo Grande – MS, 2004, p. 132.

²¹ MAGNO, São Basílio. *As regras monásticas*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1983, p. 21-183.

²² LAPIERRE, apud COSTA, Jânio. *Ibid*, p. 132.

Convencionou-se categorizar as escolas monásticas em dois tipos: uma destinada à formação dos monges, as escolas para oblatas, em que se ministrava a instrução religiosa necessária para a época; e outra destinada à instrução das massas. Nessas escolas destinadas ao aldeão, não se ensinava a ler nem a escrever. Sua finalidade não era instruir, mas familiarizar as pessoas com as doutrinas cristãs. O tom do ensino ministrado era menos instrução e mais pregação, pois o que importava era afastar do homem tudo o que impedisse sua salvação. Isso incluía o conhecimento.

A propósito do cultivo de livros e do conhecimento, é ilustrativo o *Philobiblon*, escrito em 1344 pelo reverendo Richard de Bury, bispo de Durhan e chanceler do rei Eduardo III. A obra é riquíssima para se compreender as contradições do clero na sua relação entre a educação e a língua. O autor, amante dos livros, critica duramente os clérigos que não cultivam a leitura, chamando-os de raça de víboras, ignorantes, grosseiros, ociosos e degenerados. Afirma, personificando os livros, que se dirigem aos novos clérigos:

Da mesma forma, como estavam nus, semelhantes a uma tela que aguarda ser pintada, os cobrimos com as mais belas vestes da filosofia – a dialética e a retórica, que guardávamos zelosamente e com todo o cuidado – [...] para ocultar a nudez e a rudeza de sua inteligência...²³

A obra de Bury ilustra como as antigas gerações de clérigos se dedicavam aos livros religiosos, como gastavam suas horas de ócio dedicando-se a compor manuscritos de textos sagrados, enquanto as novas gerações passam a se entregar aos prazeres da bebida em vez de se dedicarem a reproduzir manuscritos.

Ponce, por sua vez, mostra a rudeza das escolas destinadas ao clérigo seculares e a alguns nobres que queriam estudar, mas não pretendiam tomar o hábito. O exemplo é tirado do *Diário*, de Walafried Strabo, aluno da escola do Monastério de Reichenau, de 815 a 823, no qual o autor explica seus métodos de aprendizagem. Não sabendo uma palavra de latim, Strabo aprendeu a ler nessa língua, sem compreender, portanto, uma só palavra do que lia. Não é de espantar, portanto, que ele tenha achado muito estranho “que se pudesse ler e, ao mesmo tempo, compreender o que se lia”, coisa que descobriu quando, um dia, caiu-lhe nas mãos um livro escrito nos seu idioma materno...²⁴

²³ BURY, Richard. *Philobiblon*. Tradução, apresentação e glossário de Marcello Rollemberg. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 44.

²⁴ MESSER, *apud* PONCE, Aníbal. *Educação e luta de classes*. São Paulo: Cortez, 1985, p. 92.

Se, todavia, é possível apreender em determinados autores esses aspectos acima descritos, por outro lado, a historiografia nos dá conta de apontar que a educação do período medieval deriva de duas grandes correntes, a Patrística e a Escolástica, cujos representantes exemplares são Agostinho e Tomás de Aquino, respectivamente e suas obras monumentais. Nesse sentido, é dos textos teológicos que se vai haurir os fundamentos, os preceitos e valores que nortearam a educação do homem medieval, especialmente nesses dois teólogos.

A Patrística é a corrente educacional que cobre os primeiros séculos da Igreja Medieval e corresponde ao período em que começam os trabalhos dos primeiros padres, quase todos eles educadores que procuraram conciliar a cultura grego-romana com o cristianismo. O longo período em que se desenvolve a cultura dos monastérios precede ao surgimento da escolástica, movimento intelectual que cobre o século XII até a Renascença.

Santo Agostinho, filiado a Patrística, escreveu a obra *De Magistro*²⁵ em Cartago, no ano 389. Segundo Rosa, o objetivo era a formação de Adeodato, seu filho de 16 anos, dentro de sólidos princípios religiosos, mas sem abrir mão da cultura profana, que é um vívido traço da Patrística. Como a de Dhuoda e Llullo, a obra procura educar, tendo como fim último a salvação da alma.

Ainda segundo Rosa, o texto revela uma preocupação com a linguagem, seus propósitos e intenções. Dentro da tarefa a que a Igreja Feudal se propôs, de orientar os cristãos, o tom do *De Magistro* é o de que a palavra serve para ensinar a verdade. Agostinho estabelece a diferença entre a palavra, as coisas e o sentido das coisas. As palavras são sinais das coisas e estão carregados de um sentido inspirado por Deus; por isso, só se aprende quando se reconhece a verdade e esta é interior; Deus confere à mente a possibilidade de reconhecer uma proposição como verdadeira. A concepção de linguagem de Agostinho inscreve-se numa tradição platônica, em que a idéia vem primeiro que as coisas e sua nomeação. Atente-se, entretanto, para o fato de que Agostinho ensina o filho a partir de um texto da *Eneida*, do profano Virgílio e inúmeras são, igualmente, as menções à filosofia grega.

Diferentemente de Agostinho, Abelardo, que viveu entre 1079-1142, reescreveu a teoria da significação, entendendo que as palavras significam, primeiro, as intelectões e, depois, as coisas. E que as primeiras sobrevivem às

²⁵ AGOSTINHO. *De magistro*. In: ROSA, Maria da Glória. *A história da educação através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1993 p. 101-106.

ultimas.²⁶ O significar inscreve-se em uma tradição aristotélica. Para Aristóteles, as palavras estão ligadas às coisas e remetem às intelecções. Todas essas preocupações com a linguagem decorrem de um único fator: a palavra, na forma de uma oratória cristianizada, é instrumento por excelência de persuasão e submissão das massas ao ideário da Igreja.

O ideal pedagógico já não é o orador leigo, o cidadão dirigente, mas sim, o orador sacro, que do púlpito, pela pregação a todos os segmentos da sociedade, é o intelectual que ajuda a construir uma nova sociedade baseada nos princípios do cristianismo.²⁷

Abelardo, inclusive, tem a preocupação de tornar digerível a pregação, substituindo palavras eruditas, de difícil entendimento por outras mais ao alcance da compreensão dos fiéis: “Se queremos nos dirigir a eles, a fim de doutriná-los, devemos então procurar mais o uso que fazem das palavras que a precisão delas...”.²⁸ Como se pode observar, os textos dos teólogos aqui trazidos, de uma ou outra forma, revelam que a Igreja nunca abandonou de fato a filosofia profana da Grécia. Apenas adaptou-a a seus interesses, suprimindo alguns textos e mutilando outros, de forma a servir aos seus propósitos.

A Escolástica representa o último período do pensamento cristão, isto é, da constituição do sacro romano império bárbaro, ao fim da Idade Média, assinalado na historiografia com a descoberta da América (1492). Este período do pensamento cristão se designa com o nome de *escolástica*, porquanto era a filosofia ensinada nas escolas da época, pelos mestres, chamados, por isso, *escolásticos*. As matérias ensinadas nas escolas medievais eram representadas pelas chamadas artes liberais, divididas em *Trivium* – Gramática, Retórica, Dialética – e *Quadrivium* – Aritmética, Geometria, Astronomia, Música.²⁹

São Tomás de Aquino é o último grande representante da escolástica e da própria Igreja, antes que inicie a derrocada da Europa Medieval, e sem a

²⁶ NEF, Frédéric. *A linguagem: uma abordagem filosófica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 58.

²⁷ ALVES, Gilberto Luis. “A relação entre plano de estudos e sociedade – a propósito de uma abordagem histórica de currículo”. *In: Intermeio*. Revista do Mestrado em Educação da UFMS, Campo Grande, MS: Ed. da UFMS, n. 1, 1995, p. 46.

²⁸ DE BONI, Luis Alberto. *Filosofia Medieval: textos*. Porto Alegre: EIPUCRS, 2000, p. 123.

²⁹ MONGELLI, Lênia Márcia. *Trivium e Quadrivium - as Artes Liberais na Idade Média*. São Paulo: Íbis, 1999; COSTA, Ricardo da. “Las definiciones de las siete artes liberales y mecánicas en la obra de Ramon Llull”. *In: Revista Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*. Madrid: Publicaciones Universidad Complutense de Madrid (UCM), vol. 23 (2006), p. 131-164. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/pub/ASHF0606110131A.pdf>

leitura do qual é impossível compreender, em seus fundamentos e em toda a sua plenitude, esse período da história comandado pelos teólogos. Tomás pertenceu à ordem dos Dominicanos, estudou em Paris, onde obteve o título de doutor em Teologia, em 1259. Produziu várias obras, nas quais, mesmo sem conhecer o grego, fundamentou-se na filosofia dos antigos, especialmente em Aristóteles, o qual foi, engenhosamente, cristianizado por ele.

A *Súmula contra os gentios* (1996) exprime suas idéias acerca da educação, pois define o que entende ser o ofício do sábio, isto é, aquele que, na Idade Média tem o papel de professor. Por meio da utilização de uma habilidosa retórica, Aquino converte a causa primeira, de Aristóteles, em Deus; e define que em Deus há duas espécies de verdades, algumas das quais são acessíveis à inteligência do homem e outras não. Por isso, a Igreja tomou para si a tarefa de transmitir essas verdades por via da inspiração sobrenatural, cabendo ao homem colocá-las como objetos de fé. O fato de a Igreja tomar para si a tarefa de ensinar, ou seja, de que a Igreja não deixe a busca do conhecimento abandonada exclusivamente às forças da razão humana é assim justificada:

Pois para se chegar a tal conhecimento exige-se uma longa e laboriosa busca, o que é impossível para a maior parte dos homens, por três motivos.

Primeiramente, certas pessoas são afastadas desta busca por más disposições de seu próprio temperamento, que as desviam do saber. [...] Para outros, o obstáculo é constituído pelos afazeres materiais. [...] Para outros, enfim, o obstáculo é a preguiça.³⁰

Aí está colocada claramente a posição da Igreja Feudal como guardiã da verdade, que a levaria, séculos depois, já na sua decadência, a deflagrar o movimento da Inquisição levando à fogueira os seus opositores.

Anteriormente, Tomás de Aquino escrevera o seu *De magistro*, no qual ele já procurava definir o papel do mestre em relação ao ato de ensinar. Entendia o mestre como apenas um instrumento por meio do qual Deus veicula a verdade ao homem. Por meio da argumentação assentada em Agostinho e Boécio, vai definir que um homem não produz conhecimento em outro homem, em razão de que a doutrina veiculada ao homem apenas estimula sua mente para o conhecimento, ou seja, a torna receptível a Deus, o verdadeiro autor do homem e do conhecimento necessário a ele.

³⁰ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Súmula contra os gentios*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 136.

[...] se o homem fosse verdadeiramente mestre, necessariamente ensinaria a verdade. Ora, quem ensina a verdade ilumina a mente, sendo ela o lume do intelecto. Logo, o homem pelo ensino iluminará o intelecto; o que é falso, pois “Deus é quem ilumina todo homem que vem a este mundo” (João, I, 9). Logo, o homem não pode, na verdade, ensinar alguém.³¹

Finalmente, com os últimos tempos da escolástica, começa a ser revelada a decadência da teologia e da oratória e o endurecimento da Igreja perante o novo momento que está sendo engendrado no interior dos burgos, que virá a ser o novo modo de produção da vida, o capitalismo. O professor Gilberto Luiz Alves afirma que, no período em que se desenvolveu a escolástica, a Igreja centrava-se basicamente sobre a necessidade de reproduzir sua própria dominação e a educação católica reduzira-se “a um mero jogo verbal inócuo”, propício às mais disparatadas questões. A própria verdade divina depositada nos livros sagrados, diz, é subtraída aos fiéis e, na medida em que a burguesia avança, os discursos dos teólogos vão mergulhando no obscurantismo e no apelo ao misticismo e fantasias que aterrorizam os fiéis.

Nessa fase de decomposição da sociedade feudal, da mesma forma que nos estertores do Império Romano, a verdade deixara de ter importância em face da necessidade, posta para os intelectuais católicos, de justificar a manutenção do poder econômico e político da igreja feudal.³²

No seu esforço de conservação da sociedade, a igreja acionou a Inquisição; as corporações de ofício engessaram, de forma monopólica, a economia da Europa; e a aristocracia improdutiva tornou-se feroz na defesa de seus privilégios. Tudo isso não foi suficiente para deter a marcha da história, em razão da natureza histórica de todas as questões humanas.

No tempo que antecede o surgimento de uma nova sociedade, tudo se torna diluído, sem uma forma precisa: as instituições que representam a velha sociedade, os valores que a sustentam, as leis que a regem. Isso acontece porque as instituições, as leis, os valores, qualquer coisa que seja, são construções humanas e, portanto, sociais.³³

³¹ ROSA, Maria da Glória. *A história da educação através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1993 p. 111.

³² ALVES, Gilberto Luiz. *Ibid*, p. 47.

³³ SOUZA, Ana A. Arguelho de, e outros. “Sobre(o)Viver de crianças e do adolescentes: uma reflexão sobre o método de pesquisa”. *In: Intermeio: revista do Mestrado em Educação da UFMS*. Campo Grande, MS: Ed. da UFMS, v.9, n.18, 2003, p. 113.

IX. Considerações Finais

Espera-se ter demonstrado quão contributiva foi a literatura medieval na formação do homem nesse período histórico. Todavia, os infindáveis conflitos provocados pela ascensão da burguesia demonstram que o tipo de conhecimento formulado pela sociedade feudal não atenderam mais às necessidades advindas das profundas transformações por que passou a sociedade em sua base material. A ampliação do comércio, o advento das manufaturas, as invenções que revolucionam as relações sociais, tudo o que a burguesia definiu como necessário para modificar o mundo e colocá-lo a seu serviço relegou essa literatura e o conhecimento nela contido ao esquecimento, razão porque realizamos esse esforço de recuperar por meio da análise de textos medievais a compreensão desse período.

As manufaturas colocaram em marcha uma nova organização do trabalho, para o qual a teologia não mais foi suficiente para dar as respostas. Toda a sociedade cristianizada pelos teólogos foi posta em questão e a burguesia definiu a ciência experimental como a nova forma de conhecimento advinda da observação e transformação da natureza, que permitia fazer avançar o trabalho manufatureiro. Este representou, nesse período, a possibilidade de tirar da miséria as massas famintas e depauperadas pela improdutividade das terras e pelo empobrecimento da nobreza, entre outros fatores contribuintes para a superação do feudalismo enquanto forma de vida possível, porquanto as relações feudais de produção tornaram inviável o avanço das forças produtivas modernas.

Na peça *Galileu Galilei*, Bertolt Brecht registra, com engenho e arte, o que foi de significativo esse período em que todas as verdades da Igreja medieval foram, gradativamente, substituídas por um novo conhecimento, advindo de um novo modo de produzir a vida.

Pois onde a fé teve mil anos de assento, sentou-se agora a dúvida. Todo mundo diz: é, está nos livros, mas agora nós queremos ver com nossos olhos. As verdades mais consagradas são tratadas sem-cerimônia; o que era indubitável, agora é posto em dúvida. Em conseqüência, formou-se um vento que levanta as batinas brocadas dos príncipes e dos prelados, e põe à mostra pernas gordas e pernas de palito, pernas como as nossas pernas. Mostrou-se que os céus estavam vazios, o que causou uma alegre gargalhada. Mas as águas da Terra fazem girar as novas rocas, e nos estaleiros, nas casas de cordame e de velame, quinhentas mãos se movem em conjunto, organizadas de maneira nova.

[...]

E a Terra rola alegremente em volta do Sol, e as mercadoras de peixe, os comerciantes, os príncipes e os cardeais, e mesmo o papa, rolam com ela.³⁴

Não obstante a superação da Idade Média pela Moderna, com seus experimentos, sua ciência, novos métodos de investigação e de compreensão da verdade, é por meio da literatura de uma época que se dá vida à história dos homens. Por meio da literatura recuperamos com quais instrumentos o homem saiu da sua condição de habitante das cavernas para alcançar a condição de humano e construir civilizações. Nesse sentido, julga-se que é imperioso recuperar essa literatura clássica como forma de compreensão da natureza histórica do homem e dos instrumentos que os tornaram humanos, um dos mais significativos e pedagógicos, a literatura.

Fontes

- A demanda do Santo Graal*. Novela de cavalaria, de autoria desconhecida. Tradução de Heitor Megale. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.
- BONI, Luis Alberto de. *Filosofia Medieval*: textos. Porto Alegre: EIPUCRS, 2000.
- LAUAND, Luiz Jean. (org. e trad.) *Educação, teatro e matemática medievais*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- RAMON LLULL *O Livro da Ordem de Cavalaria* (apres. e trad. de Ricardo da Costa). São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2010, p. 23. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/textos/livrocav.htm>
- RAMON LLULL. *Doctrina para crianças* (c. 1274-1276). Alicante, Espanha: Marfil/IVITRA, 2009 (Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III). *Internet*, <http://www.ivitra.ua.es/RicardoCosta/Llull2.pdf>.
- RICHARD BURY. *Philobiblon* (tradd. apres. e glossário de Marcello Rollemberg). Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- SÃO BASÍLIO MAGNO. *As regras monásticas*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1983.
- SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Súmula contra os gentios*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- DE ROSA, Maria da Glória. *A história da educação através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1993.

Bibliografia

- ALVES, Gilberto Luiz. “A relação entre plano de estudos e sociedade - a propósito de uma abordagem histórica de currículo”. In: *Intermeio*. Revista do Mestrado em Educação da UFMS, Campo Grande, MS: Ed. da UFMS, n. 1, 1995.
- BRECHT, B. *Vida de Galileu Galilei*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1978.
- COSTA, Ricardo da. “Reordenando o conhecimento: a *Educação* na Idade Média e o conceito de *Ciência* expresso na obra *Doctrina para Crianças* (c. 1274-1276) de Ramon

³⁴ BRECHT, Brecht. *Vida de Galileu Galilei*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1978, p. 15.

- Llull”. In: OLIVEIRA, Terezinha (coord.). *Anais Completos da II Jornada de Estudos Antigos e Medievais: Transformação Social e Educação*. Universidade Estadual de Maringá, 2002, p. 17-28. Internet, <http://www.ricardocosta.com/pub/reordenando.htm>
- COSTA, Ricardo da. “A Morte e as Representações do *Além* na Idade Média: *Inferno e Paraíso* na *Doutrina para crianças* (c. 1275) de Ramon Llull”. In: SANTOS, Franklin Santana (org.). *A Arte de Morrer - Visões Plurais - Volume 3*. Bragança Paulista, SP: Editora Comenius, 2010, p. 118-134. Internet, <http://www.ricardocosta.com/pub/morte.htm>.
- COSTA, Ricardo da. “Las definiciones de las siete *artes liberales* y *mecánicas* en la obra de Ramon Llull”. In: *Revista Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*. Madrid: Publicaciones Universidad Complutense de Madrid (UCM), vol. 23 (2006), p. 131-164. Internet, <http://www.ricardocosta.com/pub/ASHF0606110131A.pdf>
- COSTA, Jânio. “A educação do corpo”. In: SOUZA, Ana A. Arguelho de (org.). *Referencial Curricular para o Ensino Médio de Mato Grosso do Sul – SED/MS*. Campo Grande – MS, 2004.
- FELIZ, Julio. Teatro e Música. In: _____. *Referencial Curricular para o Ensino Médio de Mato Grosso do Sul – SED/MS*. Campo Grande – MS, 2004.
- FRAZÃO, Andréia C. Lopes da Silva. *Hagiografias*. Internet, <http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hagiografia.htm>
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo, Cultrix, 1966.
- MONGELLI, Lênia Márcia. *Trivium e Quadrivium - as Artes Liberais na Idade Média*. São Paulo: Íbis, 1999.
- NEF, Frédéric. *A linguagem: uma abordagem filosófica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- PONCE, Aníbal. *Educação e luta de classes*. São Paulo: Cortez, 1985.
- ROSA, Maria da Glória. *A história da educação através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- SOUZA, Ana A. Arguelho de (org.). *Referencial Curricular para o Ensino Médio de Mato Grosso do Sul – SED/MS*. Campo Grande – MS, 2004.
- _____. e outros. Sobre(o)Viver de crianças e do adolescentes: uma reflexão sobre o método de pesquisa. *Intermeio: revista do Mestrado em Educação* da UFMS. Campo Grande, MS: Ed. da UFMS, v. 9, n. 18, 2003.